



Seminários Essenciais

Velho Testamento – parte 2*

Aula 14: Eclesiastes e Cantares

*Este material foi traduzido pela Igreja Batista Calvário em Pinhais

Introdução

Bem-vindos à segunda metade das aulas do Velho Testamento! Até agora, percorremos a história de Israel até Davi e, depois, fomos para a literatura sapiencial: Jó, Salmos e Provérbios – isto é, a sabedoria exigida dos reis de Israel para agir como governantes do povo de Deus em nome de Deus. Hoje, terminaremos a literatura sapiencial com Eclesiastes e o Cântico dos Cânticos [ou Cantares] antes de retornarmos para os livros históricos na próxima semana, com 1 e 2 Reis.

Considerando que entraremos nesses livros, gostaria de dar a vocês uma base de como devemos enxergá-los. Esses livros funcionam, em vários aspectos, como comentários de Gênesis 2 e 3. Assim como Provérbios, o Cântico dos Cânticos é um manual de como exercer o domínio, conforme a ordem dada a Adão e Eva em Gênesis 2. Mas enquanto Provérbios se foca na ordem de trabalhar e cuidar do Jardim – sabedoria para os nossos “trabalhos diários” dentro do reino de Deus, por assim dizer – Cantares se volta para o outro lado do mandamento dado na criação: ser frutífero e se multiplicar. De muitas maneiras, Cantares remete a Gênesis 2.25 – “o homem e a sua mulher estavam nus e não se envergonhavam”. Porém, como essa união funciona? Leia o Cântico dos Cânticos.

Se Provérbios e Cantares, em geral, nos dão sabedoria para agir no mundo que deveria existir (o mundo de Gênesis 2), Eclesiastes é um comentário sobre o mundo de Gênesis 3. O mundo pós-queda. Como é buscar sentido em um mundo arruinado pelo pecado? Isto é Eclesiastes.

Essa é uma das grandes diferenças desses dois livros. Uma coisa que eles têm em comum é o modo como é fácil nos perdermos nas reviravoltas deles e perdermos a mensagem principal. É por isso que Eclesiastes e Cantares são, muitas vezes, garimpados em busca de citações intensas, mas raramente entendidos em sua inteireza. Portanto, nosso objetivo hoje é tentar entender a intenção de Salomão ao escrevê-los e a questão principal que ele está tentando enfatizar em cada livro. Esta é uma grande tarefa, então, vamos começar. Iniciaremos com Eclesiastes.

ECLESIASTES

Contexto

Primeiro, vejamos o contexto do livro. O capítulo 1, nos v. 1 e 12, nos informa que o autor era um dos filhos de Davi.¹ Qual deles? Poderia ter sido Salomão ou um descendente muito posterior. Vou simplesmente me referir a ele como Salomão. No entanto, sem nenhuma base histórica que o situe no livro, ele acaba por ter uma presença atemporal entre nós, não muito diferente do que acontece com Jó. Então, como podemos estabelecer um contexto para este livro dentro da história da redenção?

¹ Muitos disseram que foi Salomão devido à fama de sua sabedoria e pelo texto dizer que o Mestre [ou “Pregador” em muitas versões de língua portuguesa] era rei sobre Israel em Jerusalém. Entretanto, “filho de Davi” poderia se referir a qualquer um dos seus descendentes. E alguns aspectos do livro, como as referências feitas ao rei na terceira pessoa, soam definitivamente diferentes do estilo de Salomão.

Aqui vão algumas questões para você pensar. Primeiro, podemos pensar neste livro, conforme mencionei antes, como um guia para viver num mundo caído. Neste sentido, ele ocupa o topo do enredo da história da redenção, sendo aplicável a todos os tempos. Em segundo lugar, podemos pensar neste livro da mesma maneira como foi visto pelos primeiros compiladores do Velho Testamento. Embora essa tradição não seja inspirada, de todo modo, ela é informativa. Nessa ordem inicial, a ordem que Jesus teria ensinado, Eclesiastes fica perto do fim da Bíblia com material escrito após o exílio, entre Ester e Daniel, Esdras e Neemias. Nesse sentido, Eclesiastes pode ter sido posicionado como uma resposta à falta de sentido da vida durante e após o exílio. Ele traz as questões existenciais levantadas por um povo que perdeu sua terra, seu templo, sua nacionalidade e, conseqüentemente, sua identidade.

Tendo isso como pano de fundo, qual é a mensagem deste livro?

Tema

Como Jó, Eclesiastes primeiro apresenta um problema e depois dá a solução. A questão é mais ou menos essa:

Qual é o significado da vida? Não é tudo fugaz, vazio, inútil e vão, já que estamos todos caminhando rapidamente para a morte mesmo?

Para citar o capítulo 1, começando no v. 2: “Vaidade de vaidades, diz o Pregador. Vaidade de vaidades! Tudo é vaidade. Que proveito alguém tem de todo o seu trabalho, com que se afadiga debaixo do sol?” e pulando para o v. 11: “Já não há lembrança das coisas que se foram; e das coisas que ainda virão também não haverá memória entre os que hão de vir depois delas.”

Será que tudo é sem sentido? Tudo é vaidade? Esta é uma pergunta séria. Como Robert Gordis escreveu: “Quem teve grandes sonhos em sua juventude e viu a visão deles escapar, ou amou e perdeu ou bateu com as mãos desprotegidas na fortaleza da injustiça e voltou arrasado e sangrando, passou pela porta [do Mestre (ou Pregador)] e acabou ficando mais tempo que esperava debaixo da sombra do teto dele.”²

Então aqui está um resumo da resposta deste livro:

Sim! Sim! A vida tem um significado! Tudo tem sentido porque tudo é ordenado por um Deus eterno, soberano e intencional. Portanto, devemos temer a Deus e nos alegrar com o que ele nos deu para fazer e ter.

Eclesiastes enfrenta nossa tentativa de encontrar sentido na criação à parte do Criador. Chega à séria conclusão de que, sem um Deus Criador soberano, tudo é vaidade. Contudo, se o universo foi criado e é governado por um Deus eterno, soberano e intencional, então a vida *tem* um grande significado e valor. Notem que eu não disse apenas que o universo tem um sentido simplesmente porque Deus tem um sentido. Eu disse que ele tem significado por Deus ter certos atributos – é eterno, soberano e intencional. Não seria qualquer deus que serviria para conferir sentido. Somente se Deus ordena todas as coisas que acontecem e tem o poder de realizar os seus planos, é que algo temporal, como nossas vidas, pode ter uma importância duradoura e significativa. O Deus de Eclesiastes é um Deus soberano e, portanto, tudo tem significado pois Deus não faz nada sem uma razão. Portanto, Deus deve ser temido, e todas as coisas que ele nos dá devem ser desfrutadas. Afinal, ele tem razões boas e significativas para dá-las a nós. Isto inclui nossos empregos, casas, famílias e assim por diante. Mas também inclui nossos problemas e aflições. Eles

² Robert Gordis, *Koheleth—The Man and His Word*, vol. 19 do *Text and Studies of the Jewish Theological Seminary* (New York: Jewish Theological Seminary of America, 1955), p. 3 – tradução própria.

também têm um significado e são bons. Podemos até não entender como, porém, somos chamados a confiar em Deus e crer que ele não está cometendo nenhum erro.

Iniciamos com as primeiras palavras do livro que declaravam tudo ser sem sentido. E eu lhes disse que a mensagem do livro é que tudo tem um sentido debaixo de um Deus eterno, soberano e intencional. Como vamos do ponto 1 ao ponto 2? Para explicar isso, darei agora a vocês uma visão geral da estrutura do livro.

Estrutura e Esboço

O livro começa na parte que eu estava lendo com uma introdução que funciona essencialmente como uma antítese. Tudo é vão. A propósito, a honestidade cética deste livro é poderosa e revigorante. É assim que todos nós nos sentimos às vezes. Louvado seja Deus por ter arquitetado uma porção de sua Palavra para nos tirar do cinismo e nos trazer de volta a Cristo e à fé. Vire a folha do aluno e você verá como o livro começa com o cinismo e vai saindo dele.

Observe que, com esta introdução concluída, o livro muda da terceira pessoa – falando sobre o Mestre – para a primeira pessoa – trazendo as palavras do Mestre. Ele volta para a terceira pessoa no último capítulo do epílogo.

Os próximos capítulos se movem indo e vindo para responder a essa objeção básica. Começamos com a prova, no capítulo 2, de que tudo é realmente em vão: o Mestre provou e tentou de tudo, mas tudo se mostrou sem sentido. Então, no final do capítulo 2, encontramos a tese do livro: Tudo tem significado se um Deus soberano governa o universo. Esta tese é defendida, contestada, defendida outra vez e, finalmente, concluída no epílogo do capítulo 12. A que conclusão se chega? Versículos 13 e 14: “De tudo o que se ouviu, a conclusão é esta: tema a Deus e guarde os seus mandamentos, porque isto é o dever de cada pessoa. Porque Deus há de trazer a juízo todas as obras, até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más.”

Buscarei guiá-los por esta ideia para que vocês possam ver como este livro constrói sua argumentação usando um único fluxo de pensamento.

1.1-2.23

Como já mencionado, os dois capítulos iniciais são um levantamento do que poderia ser o sentido da vida. Depois da introdução, o Mestre nos dá um *tour* em sua busca de significado à parte de Deus no restante do capítulo 1 e na maior parte do capítulo 2. Ele procura significado na sabedoria, no vinho, no riso, nas riquezas, nas iguarias, no trabalho, nos projetos, no sexo, no poder, na fama e na glotonaria material completa. Qualquer coisa que quisesse, ele conseguia. No capítulo 2.10,11: “Tudo aquilo que os meus olhos desejaram eu não lhes neguei, nem privei o meu coração de alegria alguma, pois eu me alegrava com todas as minhas fadigas, e isso era a recompensa por todas elas. Considerei todas as obras que as minhas mãos fizeram, e também o trabalho que eu, com fadigas, havia feito; e eis que tudo era vaidade e correr atrás do vento, e nenhum proveito havia debaixo do sol.”

Sua busca por significado não foi mais bem-sucedida do que uma tentativa de agarrar o vento.

E qual foi o resultado de uma perspectiva tão sombria? O v. 17 nos diz que o Mestre *odiou a vida*. Isto não surpreende! Até mesmo os prazeres mundanos que ele tinha acabaram chegando ao fim. Tudo acaba; tudo morre. É incrível que alguém conseguir manter um sorriso! O que nos leva ao v. 24 do capítulo 2.

2.24-26

Lembrem-se: o fluxo de pensamento é importante. Nada que o homem possa fazer entre o nascimento e a morte tem qualquer significado duradouro. Portanto, não tem valor. No entanto, agora, nos **versículos 24 a 26**, ele apresentará a solução para essa aparente vaidade de tudo o que acontece debaixo do sol: “Não há nada melhor para o ser humano do que comer, beber e fazer com que a sua alma desfrute o que conseguiu do seu trabalho. No entanto, vi também que isto vem da mão de Deus, pois, separado deste, quem pode comer ou quem pode alegrar-se? Porque Deus dá sabedoria, conhecimento e prazer à pessoa que lhe agrada; mas ao pecador dá trabalho, para que ele ajunte e amontoe, a fim de dar àquele que agrada a Deus. Também isto é vaidade e correr atrás do vento.”

Que mudança de perspectiva! Vemos termos como “melhor”, “prazer”, “da mão de Deus”, “conhecimento” e “alegria” - todos muito distantes de “vaidade” e do “correr atrás do vento”. O que mudou? Os mesmos fatos, a mesma vida. Mas agora ele olha tudo de uma nova perspectiva, porque agora está falando da vida com Deus nela.

Vamos ler o **versículo 24** novamente. “Não há nada melhor para o ser humano do que comer, beber e fazer com que a sua alma desfrute o que conseguiu do seu trabalho. No entanto, vi também que isto vem da mão de Deus” Observe ele dizendo que a melhor coisa que um homem pode fazer é comer, beber e desfrutar de seu trabalho. Achei que ele tinha dito que tudo isso era vaidade. Por que ele agora *recomenda* o trabalho? Como ele pode dizer que pode e deve existir satisfação e alegria em toda a vida? É isto o que “comer e beber” significa. É uma metáfora para “tudo o que fazemos”, pois comer e beber são a base de todas as atividades. Então, você deve viver, ser feliz e realmente desfrutar o trabalho de suas mãos. Será que é isso mesmo o que ele quer dizer? Qual é a pegadinha? A pegadinha está no resto do versículo: “vi também que isto vem da mão de Deus”. Salomão percebeu muitas coisas nos capítulos 1 e 2. Entretanto, tem uma outra coisa que ele também viu. Esse “comer e beber”, isto é, “o viver a vida” *vem da mão de Deus*. E isto muda *tudo*!

Antes (isto é, de 1.1 a 2.23), Salomão estava olhando a vida através das lentes do homem natural. E conseguimos entender isso. Ele estava simplesmente relatando o que tinha visto. E, uma vez que isso era o único instrumento de coleta de informações usado, suas conclusões foram certas, embora pessimistas. Mas, quando ele se lembrou do *Criador*, a vida assumiu uma origem, propósito, meio e fim diferentes. Como o que era vaidade pode agora ter significado? É porque a origem de cada atividade que alguém realiza vem da própria mão de um Deus eterno e cheio de significado. A única forma de algo temporal, como nossas vidas, poder ter um significado eterno é se um Deus eterno ordenar, porque ele é um Deus intencional que nunca faz nada sem razão ou causa.

No **v. 25**, uma pergunta retórica nos é feita para apoiar esta afirmação: “...pois, separado deste, quem pode comer ou quem pode alegrar-se?” No entanto, todos comem, e muitas pessoas encontram prazer sem Deus. Basta ler o Salmo 73. Mas isso é apenas o prazer fugaz e vão dos primeiros versículos do capítulo 2. Ele certamente passará como um vapor. Em breve, terá se dissipado. Não tem peso, nem significado. *A menos que... venha de Deus.*³

Agora o v. 26 faz sentido. Aqueles que não possuem essa sabedoria, conhecimento e alegria são deixados no escuro. Eles vivem “sem ele”. Assim, seus dias estão sujeitos a essa vaidade de trabalhar, acumular e armazenar riquezas para outra pessoa herdar quando morrerem. *Esta* é a vida vã: tentar viver uma vida separada do Criador. Entretanto, graças a Deus, pois ele dá a alguns sabedoria, conhecimento e alegria. Então, para eles, tudo tem significado, pois vem das mãos de um Deus intencional.

Essa ideia se torna um refrão comum no livro. Veja 3.12-14: “Sei que não há nada melhor para o ser humano do que alegrar-se e aproveitar a vida ao máximo. Sei também que poder comer, beber e desfrutar o que se conseguiu com todo o trabalho é dom de Deus. Sei que tudo o que Deus

³ É, de fato, impossível viver na ordem criada “sem ele”. No entanto, alguns tentam e esses são os que não encontram prazer. Eles não encontram nada duradouro debaixo do sol, apenas vaidade, por não conhecerem esse Deus. Eles não reconhecem o senhorio dele nem a sua soberania. E isto é por causa da explicação que encontramos no v. 26.

faz durará eternamente, sem que nada possa ser acrescentado nem tirado, e que Deus faz isto para que as pessoas o tenham.” Isto é o sentido da vida. Lemos basicamente a mesma coisa em 5.18-20, 8.15 e 9.7-10.

Isso, meus amigos, é uma **“sacudida” no evangelho** da nossa cultura. Você já pensou em Eclesiastes como material para um bom estudo bíblico investigativo? Poderia ser fantástico! Nesse tipo de niilismo, as pessoas estão no limite. Na tentativa de fugir da falta de sentido para a vida, elas se afundam em seus empregos, façanhas sexuais e hedonismo material num ritmo frenético e compulsivo. Porém, no final elas continuam só encontrando vaidade. Um dos motivos do evangelho ser tão revigorante é ele ser uma resposta a essa futilidade. Portanto, compartilhe a mensagem de Eclesiastes com seus colegas de trabalho, amigos, familiares e conhecidos. Eles já estão maduros o suficiente para ouvi-lo. Nós temos uma mensagem de esperança em um mundo sem esperança.

O resto do livro

Infelizmente, não temos tempo para ler o resto do livro, mas vocês podem usar o esboço contido no verso da folha do aluno para ver a que direção o livro segue a partir daí. Tendo explicado o tempo perfeito de Deus para todas as coisas, o Mestre passa a tratar da principal objeção da humanidade à bondade e soberania de Deus iniciando em 16.3: o problema do mal. Ele responde a essa questão em três partes. Os primeiros sete versículos do capítulo 5 nos dão a mesma resposta ao problema do mal que Deus deu a Jó. Parafraseando, “Cale-se!”. Quem é você, criatura, para desafiar o Criador? “Porque Deus está nos céus, e você, aqui na terra. Portanto, sejam poucas as suas palavras.” (5.2b). A segunda parte da resposta, até o 7.14, é uma avaliação lúcida da prosperidade neste mundo. A falta de coisas materiais é mesmo um sinal da maldição de Deus? Talvez parte do problema do mal seja um entendimento errado sobre o que é realmente bom. E a terceira parte da resposta, no final do capítulo 7: a questão “por que pessoas boas sofrem?” é uma pergunta tola – não existem pessoas boas. 7.29: “Deus fez o ser humano reto, mas ele se meteu em muitas astúcias.” [ARA]. Então, terminamos com uma longa seção de aplicação nos capítulos 8 e seguintes: obedeça ao rei, trabalhe duro, desfrute do seu cônjuge, busque sabedoria, lembre-se de seu Criador nos dias da sua juventude.

À medida que você estuda este livro, a ideia de “não conseguir ver a floresta por causa das árvores” passa a fazer mais sentido. Para entender qualquer passagem específica dele, você precisa de fato manter o fluxo geral do pensamento em mente. Entretanto, uma vez que você consegue juntar a coisa toda, vê: que tesouro maravilhoso!

Portanto, aproveite bem o livro de Eclesiastes. Use-o quando estiver se sentindo cínico, como um caminho honesto para retornar à fé. Use-o no evangelismo, para honrar a falta de significado com a qual seu amigo não-cristão está lutando e, em seguida, transforme-o no evangelho. E use-o para enfatizar o valor do tesouro do evangelho dentro do seu próprio coração. O livro de Eclesiastes nunca explica o evangelho, contudo aponta para ele. Eclesiastes nos diz que Deus é soberano e confiável. Mas qual é a maior evidência de sua confiabilidade no aparente niilismo? Um Deus soberano que usou a maior tragédia da história, a morte de seu Filho na cruz, para nosso benefício eterno. Eclesiastes diz que todos são ímpios, mas o significado da existência só alcança aqueles que agradam a Deus. Como os ímpios podem agradar a Deus? Pela fé na obra sacrificial de Jesus em nosso lugar. Louvado seja Deus pela pequena joia que é este livro.

[PERGUNTAS?]

Contexto

Esse foi o livro de Eclesiastes. Agora, vamos nos voltar para Cântico dos Cânticos. Desta vez, a identidade do autor está clara já no capítulo um versículo um: Salomão. Novamente, não há um contexto histórico específico do qual precisemos estar cientes. Contudo, o livro tem um contexto histórico redentivo importante. Neste livro, ocorre um tipo de reconstituição de Gênesis 2 e reversão de Gênesis 3. O que quero dizer é que aquele belo relacionamento entre Adão e Eva, no Jardim do Éden, foi projetado para a glória de Deus e para o bem deles. Mesmo depois da queda, homens e mulheres ainda devem se relacionar sexualmente um com o outro dentro do casamento, de acordo com o plano perfeito de Deus. Se o fizerem, será novamente para a glória dele e para o bem deles. Ou seja, é *realmente* para o bem deles. Mas se não o fizerem, experimentarão as mesmas consequências que Adão e Eva sofreram em Gênesis 3: Deus não será glorificado e homens e mulheres farão mal a si mesmos e um ao outro.

E além do contexto imediato do casamento, há algo mais acontecendo. Como Stephen Dempster escreveu em *Dominion and Dynasty*, “Retirado de seu contexto literário, Cantares pode ser quase pornográfico. Mas o contexto maior do cânon tanto restringe o seu significado ao contexto do casamento quanto o expande para incluir o relacionamento entre Yahweh e Israel.” (p. 207 – tradução própria) Este é um livro sobre casamento. Puro e simples. Mas o que é o casamento? Os profetas do Antigo Testamento usaram o casamento como uma imagem do relacionamento de Deus com seu povo da aliança, Israel. Como Eclesiastes, Cantares foi colocado junto com a literatura pós-exílica na Bíblia hebraica. Podemos presumir que os editores o colocaram lá por um motivo. Mesmo durante o julgamento do exílio, Deus estava provendo um lembrete gráfico, apaixonado e profundo do seu amor e da sua fidelidade por seu povo. Pense em Isaías 62.5b: “Como o noivo se alegra com a noiva, assim o seu Deus se alegrará com você.” Este é o outro lado de Cântico dos Cânticos.

Portanto, este livro é ao mesmo tempo um comentário sobre o que seria para o homem e para a mulher estarem nus e não se envergonharem e uma celebração do amor de Deus por nós.

Tema

Podemos resumir Cantares de Salomão assim:

Cantares de Salomão canta sobre o filho de Davi, que é o rei ideal de Israel, a semente da mulher, o descendente de Abraão, de Judá e de Davi, que, sem ter de se envergonhar, desfruta da intimidade desinibida com sua amada, em um jardim que lhe pertence.

Ser criado à imagem de Deus significava terem sido criados homem e mulher. Eles deveriam refletir a imagem e a glória de Deus por meio de um relacionamento sexual puro e harmonioso. Porém, com a entrada do pecado no mundo, tudo desmoronou. Após a queda, mesmo com naturezas pecaminosas, homens e mulheres são chamados à monogamia e à pureza sexual. Este livro exalta a beleza e o valor de viver esse relacionamento e nos adverte a não inventarmos outros objetivos nossos para a sexualidade.

O livro se parece, de muitas maneiras, com uma peça de teatro romântica de Shakespeare: a jovem noiva e seu amado cantam louvores um para o outro sobre o quão belos e agradáveis são. Depois, eles se casam e vivem felizes para sempre e, ao contrário das obras shakespearianas, não há nenhum assassinato e ninguém comete suicídio.

Cantares é dividido em três seções básicas. A corte dura até o 3.5. A cerimônia de casamento e consumação, até 5.1. E a vida conjugal, até o final do capítulo 8.

Primeiro a corte, cujo tema é a paciência. Veja o capítulo 2, v. 7: “Filhas de Jerusalém, jurem pelas gazelas e pelas corças selvagens que vocês não acordarão nem despertarão o amor, até que este o queira.” O contexto desses versículos é que a moça e o rapaz ainda não tinham se casado, e a moça expressa o seu desejo de permanecer casta até o momento certo. Ela convoca outras mulheres para abraçarem a mesma resolução. Ela está dizendo: não apresse o que você pensa ser o amor e os atos amorosos até que seja a hora certa, então, dentro do casamento, o sexo será belo, honroso a Deus e saudável para o relacionamento. Antes disso, só colherá desastre. Essas palavras são repetidas no capítulo 3, v. 5. Este versículo, na verdade, traz as últimas palavras registradas antes do casamento no v. 6. Então, até o fim da vida de solteiro, a paciência é exaltada e exortada a todos nós.

Mas, no restante do capítulo 3, temos a celebração do casamento em si e, no capítulo 4, uma bela descrição gráfica do sexo e da sexualidade, levando-nos ao comentário final no capítulo 5, v. 1: “...Comam e bebam, meus amigos; até ficarem embriagados de amor.” Muitos que se dedicaram a estudar esse texto pensam ser esta a voz do próprio Deus. Deus está agora dando sua bênção ao relacionamento sexual deles. O sexo não é apenas algo insignificante e sujo necessário para a produção de filhos. Quando acontece entre um homem e uma mulher casados, é um ato bom, belo e que honra a Deus. O sexo, assim como o casamento, foi criado por Deus para sua glória e para o bem e a saúde de suas criaturas. Este livro celebra esse fato.

Assim, no restante do livro, vemos a vida de casado desse casal e, em **8.4**, o refrão é ouvido novamente: “...vocês não acordarão nem despertarão o amor, até que este o queira.” A mulher casada continua a implorar aos jovens que sejam sábios e esperem pelo casamento, e não estraguem as coisas por não conseguirem esperar.

Mencionei, anteriormente, que o livro foi feito para ser entendido como uma reversão de parte da queda. Volte para **Gênesis 3.16**. Quando Adão e Eva caíram em pecado, houve uma série de consequências. Uma delas era que agora seu relacionamento conjugal seria tenso. Já não mais seria harmonioso e agradável. Em vez disso, a mulher desejaria controlar o homem e o homem abusaria de sua autoridade e a dominaria. Com a chegada do pecado, “ter e manter” se transformou em “usar e dominar”. O egoísmo, de ambos os lados, passou a bater o pé no chão e a conduzir os dois.

Mas não precisa ser assim. Nesse sentido, o sexo no casamento é talvez uma das visões mais puras que temos do céu, quando todas as coisas serão restauradas à sua glória edênica e além. Veja o capítulo 7, v. 10: “Eu sou do meu amado, e o desejo dele é por mim.” [Almeida Séc. XXI]. Este é o amor voltado para o outro de Gênesis 2 em vez do relacionamento voltado para os próprios interesses de Gênesis 3. O casamento como deveria ser. A mulher não está procurando controlar o marido nem, por sua vez, sendo explorada pelo homem. Ao invés disso, o homem está cumprindo o seu papel de liderança amorosa, dado na criação, e desejando sua esposa.

Conclusão

No Cântico dos Cânticos de Salomão, aprendemos que o casamento e o sexo ocupam um lugar muito alto na economia de Deus. Portanto, como criaturas dele, é imperativo mantermos o leito conjugal puro: que os solteiros se abstenham de sexo e os casados, por outro lado, se amem com ele. Se abusarmos desses dons que Deus nos deu, desastre e frustração serão o único resultado, assim como foi para o primeiro pecado no jardim.

Logo, este livro é um maravilhoso guia para o relacionamento e o sexo no casamento. Mas também é uma bela descrição do amor de Deus por nós, cuja paixão só pode ser retratada pela paixão existente em um casamento. Este é o casamento perfeito e é o amor que Deus tem por você.

Portanto, seja você casado ou não, leia este livro com esses dois aspectos em mente. Trata-se de um casamento real e o casamento real é uma imagem do amor de Deus por nós em Cristo. É o quanto Deus amou você.